

NOVO EM FOLHA

FOLHA DE S. PAULO

ESPECIAL 1 ★ SEXTA-FEIRA, 29 DE JUNHO DE 2007 ★



Bruno Miranda/Folha Imagem

laços de família

Julia, de sete meses, recebe massagem em sua casa em Araçuaí, como várias crianças da cidade, ela só verá de novo seu pai daqui a oito meses

FOTOS E SONS TENTAM IMPEDIR QUE FILHOS SE ESQUEÇAM DOS PAIS - em Araçuaí, cidade no centro do Vale do Jequitinhonha em que mais de um quinto dos homens passa oito meses por ano nas usinas de cana-de-açúcar de outras cidades e Estados, projetos procuram preservar vínculo familiar Págs. 6 e 7



guerra e paz



ensino



fronteira



caminhos



noite

BUROCRACIA FREIA RETORNO A ANGOLA

ONU tem programa que poderia repatriar por ano até 150 refugiados angolanos, mas falta de documentos e de divulgação atrasa volta à pátria Págs. 8 e 9

GOVERNO EXPANDE LAPTOPS NA ESCOLA

Mesmo sem avaliar teste em curso, MEC vai ampliar uso na rede pública de computadores móveis Págs. 8 e 9

NOVA ADUANA SECA COMÉRCIO EM FOZ

Aperto da fiscalização traz crise econômica e diplomática à região da Triplíce Fronteira e faz políticos locais criarem "mini-Mercosul" Págs. 2 e 3

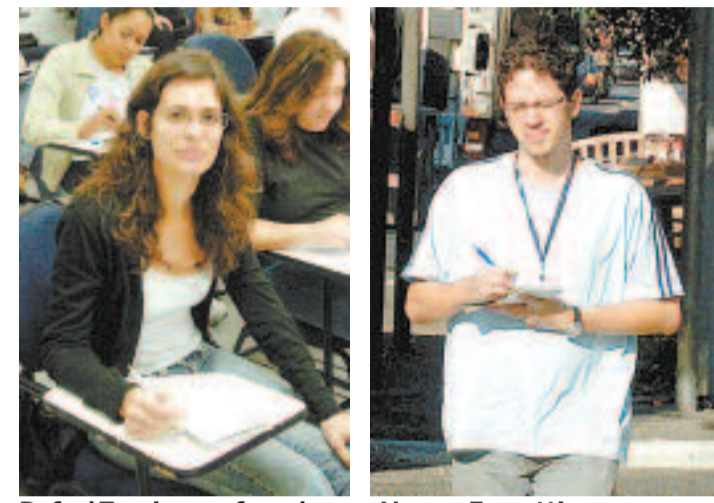
PLACAS NÃO LEVAM AO DESTINO CERTO

Conheça 13 armadilhas das ruas de SP: locais em que, por falta de placas – ou por erros na sinalização – o motorista vai parar bem longe de onde queria ir Págs. 5

FILAS ANULAM ATÉ 2 HORAS DE LAZER

A **Folha** visitou 43 lugares, entre cinemas, bares, restaurantes e casas noturnas, para mapear quanto tempo o paulistano perde à espera de diversão Págs. 10

EXPEDIENTE
O Novo em Folha é produto da 43ª turma do Programa de Treinamento em Jornalismo Diário da Folha. Os participantes discutem pautas, fazem reportagens, sugerem fotos, mapas e gráficos e cuidam do acabamento. A circulação é interna e há uma versão expandida na internet (www.folha.com.br/071773). A 43ª turma de treinamento foi patrocinada pela Philip Morris Brasil e pela Odebrecht.



Rafael Targino confere placas e Verena Fornetti acompanha prova de curso de pedagogia semipresencial



Fernando Bueno (esq.) e Gustavo Gouveia fazem seleção de fotos para a matéria sobre refugiados angolanos no Brasil



Silas Marti (dir.) fotografa movimento da ponte da Amizade e Willian Vieira entrevista mototáxi no lado brasileiro



Johanna Nublát (dir.) e Mariana Benevides, na Redação, conferindo informações da 1ª versão impressa da matéria



Veridiana Sedeh (dir.) entrevista dona Zefa, artista do Vale do Jequitinhonha, e Clara Fagundes revisa reportagem sobre filas



Ponte da Amizade em 1994, quando mais de 3 milhões de "sacoleiros" gastavam cerca de US\$ 100 milhões por ano na região



Vista atual da ponte da Amizade, com movimento fraco em horário de pico; engarrafamento caiu de até 5 horas para 20 minutos

fronteira em crise

Nova aduana estrangula comércio de "sacoleiros"

Aperto da fiscalização na ponte da Amizade provoca desemprego, aumenta criminalidade e alimenta crise diplomática entre Brasil e Paraguai; políticos das cidades afetadas nos dois lados se articulam para pressionar Mercosul

SILAS MARTI
WILLIAN VIEIRA
DA EQUIPE DE TREINAMENTO

Não há mais lâmpadas no teto de um dos guarda-volumes no lado brasileiro da ponte da Amizade. Não fazem falta. Os galpões de concreto e madeira não funcionam mais à noite e as prateleiras aguardam vazias os "sacoleiros" que não vêm mais.



Mototáxi traz passageiro para o lado brasileiro; ao fundo, motoqueiros aguardam clientes em fila para atravessar ponte

A construção de uma nova aduana no fim do ano passado e o aperto da fiscalização na ponte estrangularam o comércio na fronteira mais movimentada do Brasil, secando a fonte de renda de pelo menos 45 mil pessoas. Elas passaram a buscar alternativas —dentro ou fora do contrabando. Quase não há estatísticas, já que a maior parte do comércio afetado é informal e órgãos oficiais não têm dados. Mas a crise levou políticos de cidades nos dois lados da fronteira a criar uma espécie de "mini-Mercosul" para exigir uma solução dos governos federais (leia texto ao lado).

A maior loja de computadores da cidade demitiu metade dos funcionários. Estavam vazias na hora do almoço numa sexta-feira as 200 mesas da praça de alimentação do Shopping Vendôme, onde o movimento caiu cerca de 80%. "Se o brasileiro não comprar mais aqui, não tem jeito", diz a dona de restaurante Oralina da Silva, uma dos 8.000 brasileiros que trabalham em Ciudad del Este, segundo associações locais. Em Foz, a Câmara Municipal estima uma perda de R\$ 18 milhões ao mês no comércio na ponte. Perderam clientes os hotéis e pousadas dos "sacoleiros". Na entrada do hotel Québec, ainda se ouve o barulho de fita crepe embalando as caixas, mas o movimento caiu. Três dos 20 quartos estavam vagos e o pátio usado como armazém, vazio. "Antes tinha até fila pra entrar", lembra Dora, caixa da padaria em frente à pousada. Até 2005, apenas 5% dos que

passavam pela ponte eram fiscalizados, alimentando comboios de até 300 ônibus com mercadorias, que ultrapassavam de longe a cota máxima de US\$ 300 por pessoa. Com a nova aduana, passaram a fiscalizar 100% do fluxo. Nenhum ônibus foi apreendido na ponte em cinco meses.

"Atravessadores"
Novas rotas, porém, surgiram para contornar a aduana, especialmente pelo Paraná. No mês passado, 89% das apreensões aconteceram fora da ponte, grande parte no rio —alimentando um mercado de "atravessadores", contratados pelas galerias de Ciudad del Este para entregar o produto no Brasil. "Por 5% do valor a gente passa um computador", diz um motoqueiro. Segundo a Receita, 70 veículos foram apreendidos em maio na ponte, a maioria táxis e mototáxis. Quando o carregamento é maior, o contrabando é feito por barcos. "Dia de chuva é mais fácil", conta uma vendedora que traz mil jaquetas por viagem. "A gente volta com lama até as coxas".

Problemas na fiscalização
"Fiscalização no rio mesmo quase não há. Não há pessoal suficiente", diz o delegado da Receita em Foz, Gilberto Tragancin. "Se tivesse policiamento, com certeza se estrangularia o problema."

O efetivo dobrou em três anos, mas as prioridades são outras. "Nosso foco é inteligência. Não corro atrás de Monza cheio de cigarro", explica o delegado da Polícia Federal em Foz, Alessandro de Mattos. Com a ponte fechada para o contrabando, ganham força o tráfico de drogas e os acertos de contas. Segundo estudo da prefeitura, a cidade atingirá neste ano a taxa de 1 homicídio por 1.000 habitantes —média quatro vezes maior que a nacional. Tráfico e violência marcam a família de Solange. Sua irmã Elza foi presa atravessando a fronteira com maconha. Deixou cinco filhos, mantidos com os R\$ 75 que recebe do Bolsa Família. "Se eu tivesse força traficava também. Não dá para ver criança passar fome."

Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social, o número de cadastrados no programa em Foz aumentou 55% —15% acima da média nacional.

relações áridas

Fórum de políticos locais exige solução binacional

A crise comercial e diplomática desencadeada pela nova aduana em Foz do Iguaçu foi o estopim para a criação de um Parlamento Trinacional —forma encontrada pelos dirigentes das cidades afetadas para cobrar uma solução dos governos federais.

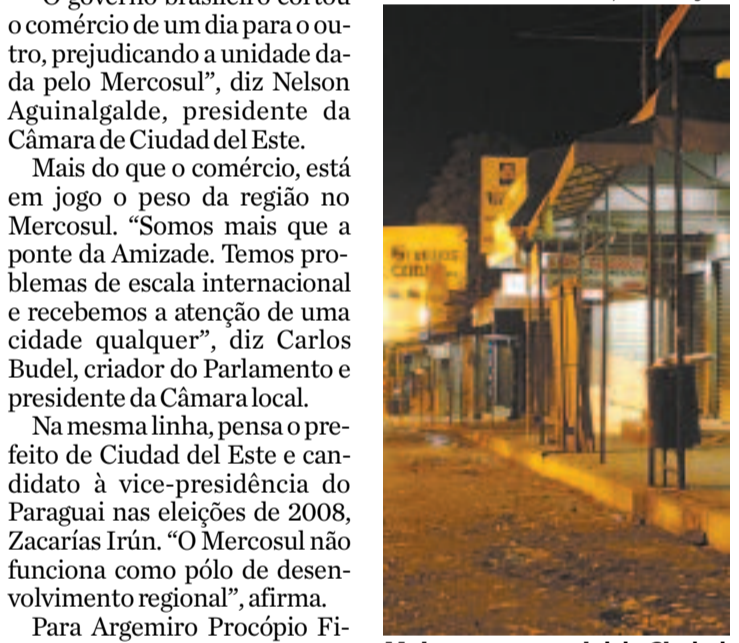
São três os pontos que travam a negociação entre Paraguai e Brasil: o imposto cobrado na aduana, o limite anual de importações e a lista de produtos que podem cruzar a ponte.

"O governo brasileiro cortou o comércio de um dia para o outro, prejudicando a unidade dada pelo Mercosul", diz Nelson Aguinalgalde, presidente da Câmara de Ciudad del Este.

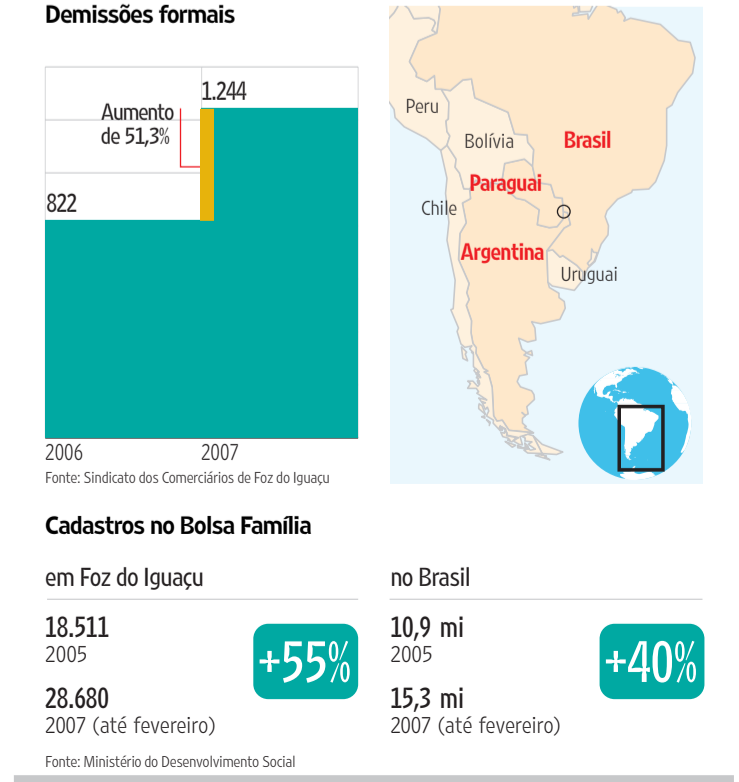
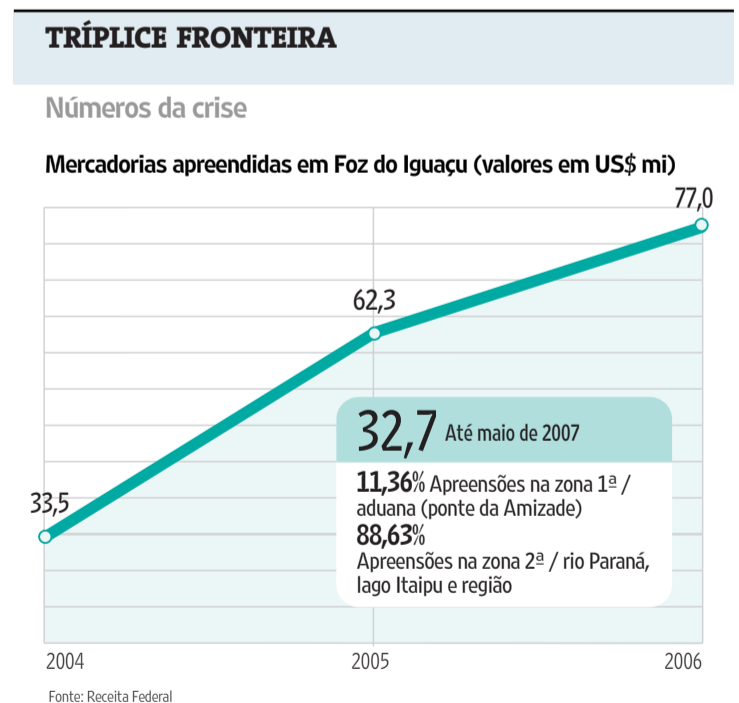
Mais do que o comércio, está em jogo o peso da região no Mercosul. "Somos mais que a ponte da Amizade. Temos problemas de escala internacional e recebemos a atenção de uma cidade qualquer", diz Carlos Budel, criador do Parlamento e presidente da Câmara local.

Na mesma linha, pensa o prefeito de Ciudad del Este e candidato à vice-presidência do Paraguai nas eleições de 2008, Zacarias Irún. "O Mercosul não funciona como pólo de desenvolvimento regional", afirma.

Para Argemiro Procópio Filho, especialista em Mercosul da Universidade de Brasília, se



Maior rua comercial de Ciudad del Este, deserta às 20h



gou tem sido pressionado por um lobby dos comerciantes de Ciudad del Este para que enduereça o discurso contra o Brasil, na tentativa de forçar uma liberalização comercial na região.

Como resultado, Lula prometeu liberar um pacote de benefícios a Ciudad del Este, incluindo a discussão de uma "zona franca" na região. O prazo expirou, a imprensa paraguaia reclamou e o Brasil pediu mais duas semanas para estudar e aprovar a proposta.

Assunção, Brasília e o Parlamento Trinacional concordam num único ponto: a criação de uma tarifação reduzida para uma lista de produtos e uma cota anual para cada "sacoleiro", que passaria a ser um microimportador legalizado. Mas a solução depende do pacote de benefícios a ser anunciado.

Muro
A discussão, que se intensificou com o aperto da fiscalização na aduana em novembro, piorou quando foi divulgada a construção de um muro entre Brasil e Paraguai sob a ponte da Amizade. Em visita a Itaipu no mês passado, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva desautorizou a construção do muro, mas já era tarde. Lula foi acusado de autoritarismo e o Mercosul, de bloco falido por políticos da Tríplice Fronteira.

(SILAS MARTI e WILLIAN VIEIRA)

Somos mais que a ponte da Amizade. Temos problemas de escala internacional e recebemos a atenção de uma cidade qualquer

CARLOS BUDEL
presidente da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu e criador do Parlamento Trinacional

O Mercosul não está funcionando como pólo de desenvolvimento para a Tríplice Fronteira. Temos que tirar as máscaras

ZACARIAS IRÚN
prefeito de Ciudad del Este

Nosso foco é inteligência. Não posso ficar correndo atrás de paraguaio de 16 anos, de Monza cheio de cigarro

ALESSANDRO DE MATTOS
delegado da Polícia Federal em Foz do Iguaçu

Dia de chuva é mais fácil, mas a gente volta parecendo porco, com lama até as coxas.

ANÔNIMA
"sacoleira"

Se eu tivesse força traficava também, porque não dá para ver criança passando fome

SOLANGE
estudante



Táxis à espera na principal rua do comércio de Ciudad del Este às 15h, quando fecha a maior parte das galerias



Atravessadores contratados pelas galerias empacotam produtos que serão levados a clientes no lado brasileiro



"Formiguinhas" esperam pela carga arremessada da ponte e sobem morro até depósitos e estacionamentos



"Sacoleiros" aguardam fiscalização na nova aduana da Receita em Foz do Iguaçu; espera pode levar horas



Guarda-volumes usado como depósito com prateleiras vazias; faturamento caiu de R\$ 800 para R\$ 30 por dia

SAÚDE

Ex-"sacoleira" quer voltar

Maria Antônia diz que comprou a blusa com estampa de oncinha que veste "por cinco pilas no Paraguai". "Sacoleira" por 15 anos, ela diz ter criado cinco filhos, construído e mobiliado uma casa com o dinheiro do contrabando. Cada vez que cruzava a ponte, trazia cinco caixas de uísque e duas de cigarro, sem contar objetos nos bolsos e memórias de computador presas à barriga. A mercadoria ia até São Paulo. "Todos os padrões "caíram" nas mãos da Receita. "As vezes, passava dias escondida no meio do mato para fugir da polícia. Não tinha banheiro, nada". Ela diz que ganhava mais de R\$ 1.200 por mês. Com o aperto da Receita, deixou a ponte, fez um curso e virou cabeleireira. "Hoje não ganho nem a metade".

Sinto falta do risco, da adrenalina

MARIA ANTÔNIA OTHO
ex-"sacoleira"

ALTERNATIVA

Nem uma colher

Maria fuma um cigarro sossegada em frente à sua loja de roupas usadas perto da ponte da Amizade. "Trabalho há 18 anos e nunca passei uma colher de muamba pela ponte", diz orgulhosa, enquanto o marido, Gercino, separa os fardos de roupas coloridas e os sapatos que eles compram de ONGs em São Paulo e revendem para pessoas carentes na região de Foz. O contrabando nunca foi tentação para ela. "Não quero trabalhar fria. Pago imposto, tenho contador, faço tudo no legal. Ganho pouco, mas não tenho medo de nada". Cada peça de roupa é comprada a R\$ 2 e vendida a R\$ 3. O lucro parece pequeno, mas, segundo associações locais, há mais de 50 lojas no ramo, que crescem mesmo com a crise.

Nunca passei muamba pela ponte

MARIA FERNANDES
vendedora de roupas usadas

ALTERNATIVA 2

De "sacoleira" a prostituta

Terezinha trabalhou como "sacoleira" no Paraguai até um mês antes da nova aduana, quando foi atropelada na ponte. Durante os seis meses de recuperação, ela e o filho de 13 anos foram sustentados por vizinhos "sacoleiros" em Porto Meira, na periferia de Foz do Iguaçu. Quando voltou a andar, a ponte estava fechada para os "laranjas". Tentou trabalhar como manicure e cabeleireira, mas não ganhava o suficiente. Mesmo com mais de 40 anos, decidiu virar garota de programa —os amigos a chamavam de "tia de programa". Desde o início do ano, Terezinha faz ponto em frente ao motel Sex Sabe. Se antes ela ganhava R\$ 100 por dia como "laranja", agora recebe entre R\$ 30 e R\$ 40 por programa.

Passei dos 40 e sou tia de programa

TEREZINHA RIBEIRO
ex-"sacoleira"

de volta a angola

longe de Casa



A aluna de enfermagem Eugênia Coelho, que quer voltar a Angola após a faculdade



Leonardo Matos, marido de Domingas Dalas, e Anderson Osvaldo, filho do casal

“Tenho que ser grata ao país que me acolheu. Aqui eu me identifiquei, fiz amigos e estou a estudar

EUGÊNIA COELHO refugiada há 8 anos no Brasil

“Minha mulher foi embora, agora quero regularizar os documentos do meu filho para que ele possa encontrá-la

LEONARDO MATOS refugiado há oito anos no Rio de Janeiro

Documentos dificultam retorno de refugiados

Burocracia é o principal entrave para programa de repatriação voluntária da ONU; Consulado de Angola afirma não haver problemas

FERNANDO BUENO GUSTAVO GOUVEIA DA EQUIPE DE TREINAMENTO

Domingas Dalas voltou a Angola deixando marido e filho no Brasil. Após oito anos no Rio de Janeiro, como refugiada de uma guerra que deixou 1 milhão de mortos, Domingas tenta se restabelecer em seu país.

Como ela, outros expatriados querem retornar, mesmo que em Angola a maioria das pontes e estradas continue destruída, exista mais de uma mina terrestre por habitante e carência de infra-estrutura básica como escolas e hospitais.

Mas, embora a ONU tenha começado este ano um programa para repatriar quem quer voltar a seu país natal, ninguém embarcou com ajuda da entidade. A organização poderia mandar até 150 pessoas por ano, mas só recebeu sete pedidos.

Seis não têm a documentação necessária, o que revela um dos principais obstáculos da ação: a dificuldade de obter passaportes. Sem os papéis,

COMPARATIVO ENTRE AS DUAS EX-COLONIAS

Angolano vive quase a metade do tempo de um brasileiro

	Angola	Brasil
Área total	1.246.700 km²	8.511.965 km²
População	12.263.596	190.010.647
Crescimento demográfico	2,184%	1,008%
Expectativa de vida	37,63 anos	72,24 anos
Crescimento do PIB	15%	3,7%
População abaixo da linha de pobreza	70%	31%

dois dos seis desistiram e voltaram para Angola por meios próprios —foi o caso de Domingas. Os outros quatro aguardam os documentos.

O único refugiado que estava em dia com a burocracia desistiu antes de embarcar.

A repatriação voluntária, promovida pelo Acnur (agência da ONU que dá assistência aos refugiados), paga passagem aérea e US\$ 200 aos angolanos refugiados que queiram voltar à terra natal. Mas é preciso ter passaporte válido.

E quem não tem os papéis demora para obtê-los. “Fala-

cartazes apenas no Rio de Janeiro. No Estado, vivem 1.310 refugiados angolanos —com 1.684 pessoas, é de Angola a maior população de expatriados no Brasil.

Moradora de São Paulo, Eugênia Coelho faz parte desse grupo e quer voltar quando terminar a faculdade de enfermagem —ela curso o segundo de oito semestres. “O objetivo é levar o que aprendi fora para o meu país”.

Apesar da determinação, Eugênia nunca tinha ouvido falar da iniciativa do Acnur.

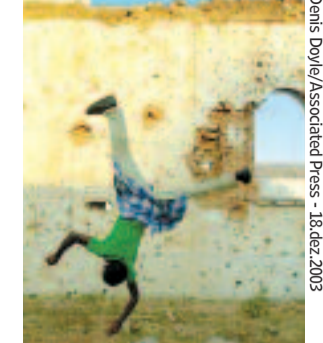
“Quando foi resolvido esse problema (da documentação), provavelmente até o fim de julho, faremos a propagação com mais força”, afirma Varese.

A agência deve repetir no Brasil a estratégia que adotou na África: divulgar a repatriação voluntária por vários anos e cessar o programa apenas quando perceber que não há mais interessados.

“A repatriação voluntária é um direito do refugiado”, afirma o representante do Acnur.

CRONOLOGIA

Guerra civil deixou 1 milhão de mortos



1961 Grupos nacionalistas MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), Unita (União Nacional para Independência Total de Angola) e FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) lutam contra Portugal

1975 Independência do país. Início da guerra civil. MPLA, apoiado pela União Soviética, disputa o poder com a Unita e a FNLA, apoiadas pelos EUA. Agostinho Neto, do MPLA, assume a presidência

1979 José Eduardo dos Santos, do MPLA, sucede Agostinho Neto. FNLA perde força e conflito se polariza entre o MPLA e a Unita

1991 Acordo de paz encerra primeira fase da guerra civil e estabelece eleições livres

1992 Eleições presidenciais; MPLA vence e elege Santos. Unita não aceita o resultado e retoma a guerra, que chega pela primeira vez a Luanda (capital). Início do maior fluxo de refugiados para o Brasil

2002 Jonas Savimbi, líder



da Unita, morre em combate. Unita entrega armas e encerra guerra civil

Próximas eleições: 2008 (Parlamento) e 2009 (Presidência)

Fonte: CIA Factbook; Fórum dos Quadros Angolanos e Angolistas; Zeno Zenga, professor da Unl

PAÍS AFRICANO JÁ RECEBEU DE VOLTA 410 MIL REPATRIADOS

Programa da ONU na África terminou após o retorno de 90% dos 457 mil refugiados, principalmente dos vizinhos Zâmbia e República Democrática do Congo

“A viagem de Luena a Lumbala N’Guimbo demorava uma tarde na época dos portugueses. Hoje leva dois dias. As dez pontes estão destruídas e seus acessos minados

STEPHAN LOUITT chefe do Escritório do Acnur em Luena

LEGISLAÇÃO BRASILEIRA É UMA DAS MAIS ABRANGENTES

Lei, que faz dez anos, é tida como uma das mais modernas; critérios para definir quem é refugiado são mais amplos

trânsito

Placas em São Paulo levam até para o lugar errado

labirinto urbano

Parte das 20 mil sinalizações de orientação da cidade estão sujas, amassadas e confundem o motorista; CET diz que vai avaliar os problemas encontrados

RAFAEL TARGINO DA EQUIPE DE TREINAMENTO

Quem está na av. dos Bandeirantes (zona sul) no sentido aeroporto e se guia pelas placas para chegar à Ver. José Diniz pode acabar na marginal Pinheiros, no lado oposto ao destino. Essa é apenas uma das 13 armadilhas encontradas pela Folha nas ruas de São Paulo.

De 6 a 20 de junho, a reportagem andou cerca de 700 km na cidade e constatou: existem placas que mais atrapalham do que ajudam. Há sinalizações tortas, amassadas, de cabeça para baixo e até aquelas que levam ao lugar errado (veja mapas ao lado). A CET (Companhia de Engenharia de Tráfego) disse que vai avaliar os casos apontados pela reportagem.

Mesmo no centro, é possível se perder com a sinalização. A psicóloga Nair Falcão, 44, já se perdeu na região. “Eu sabia que a praça João Mendes era caminho para [o bairro da] Liberdade. Não achei nenhuma placa que me indicasse onde ficava. Fiquei dando volta até perguntar para taxistas”, afirma.

Segundo Hugo Pietrantonio, professor do departamento de engenharia de transportes da USP, quem faz a sinalização conta justamente com isso: que o motorista pergunte ou consulte mapas.

Problemas Mas nem rotas recomendadas pelo site da CET são bem sinalizadas. Em uma delas, o motorista que vem de fora precisa saber qual pista é a expressa e qual é a local na marginal Tietê —informação que não existe.

Em 2005, a reportagem da Folha já havia constatado isso. Na época, o órgão disse que iria implantar uma sinalização especial na via. No entanto, só o

Falta verba para placas

DA EQUIPE DE TREINAMENTO

A CET ia começar neste ano os estudos para trocar todas as placas de orientação. No entanto, segundo a chefe do Departamento de Logística e Estudos Especiais da CET, Daphne Savoy, outras prioridades estão na fila. Prior: não há verba. O início foi adiado para 2008.

Outro projeto, que trocaria as placas das marginais Pinheiros e Tietê —e iria resolver o problema apontado pela reportagem em 2005—, também está encostado por falta de dinheiro.

Para trocar todas as placas de orientação de São Paulo, a CET calcula que levará cerca de três anos —a partir do momento em que os projetos estejam prontos e que haja verba. Por ano, são trocadas cerca de mil sinalizações do tipo na cidade.

A solução tem sido fazer parcerias com a iniciativa privada. As placas azuis que indicam serviços (como hospitais e delegacias) foram, em parte, bancadas pelos hospitais particulares.

Desde 1998, já foram colocadas 700 desse tipo. A CET faz um termo de parceria com a instituição interessada e fornece um anteprojeto com as características que a placa deve ter.

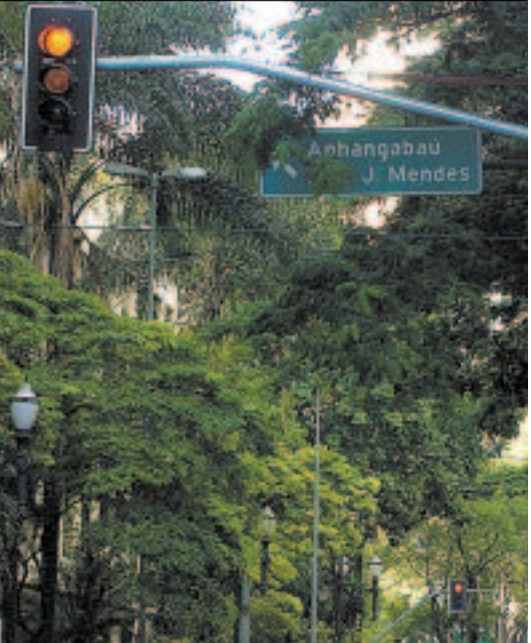
A iniciativa privada, então, passa a ser a responsável por confeccionar e implantar a sinalização. (RT)

Veja artes e galeria de fotos >>> <http://www.folha.com.br/071773>

OUTROS PROBLEMAS

Av. Rebouças, sentido centro - na altura da rua Oscar Freire, há uma placa “Centro/Alternativa”. O motorista entra na Oscar e vê uma placa, na rua Melo Alves, indicando “Centro”. Mas a Melo Alves termina na própria Rebouças, poucos metros depois —e o motorista volta para onde estava

Av. 9 de Julho, sentido Cidade Jardim - há três entradas para a av. Paulista. No entanto, só duas delas estão indicadas. A que não tem nenhuma placa —a última, próxima ao túnel Daher Cutait— é a entrada que sai logo atrás do Masp



Av. São Luís - a placa que indica o sentido para a praça João Mendes está escondida por árvores

PRINCIPAIS ARMADILHAS

Veja como fugir das “pegadinhas” das placas de São Paulo

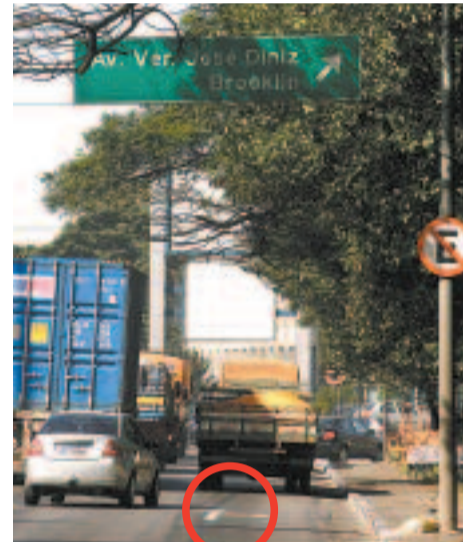
→ Problema → Como fugir



Campo Belo (zona sul)
Av. Washington Luís, sentido Interlagos x av. Vereador João de Luca, sentido Cupecê
→ A placa que indica a entrada para a avenida Cupecê está na horizontal de tão torta
→ Antes de passar pelo viaduto Washington Luís, entre à direita e passe por baixo dele



Fotos: Renaldo Rezende/Folha Imagem



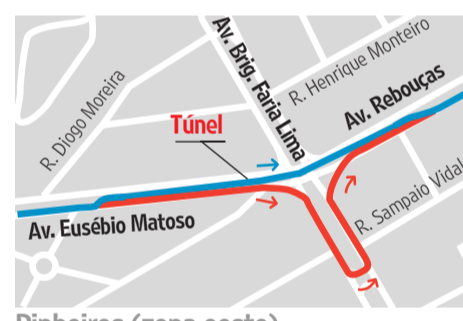
Fotos: Renaldo Rezende/Folha Imagem



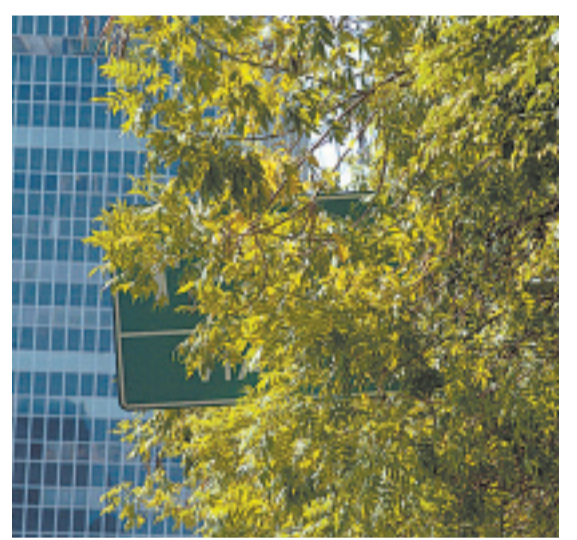
Fotos: Renaldo Rezende/Folha Imagem

Campo Belo (zona sul)
Av. dos Bandeirantes, sentido aeroporto
→ Uma placa indica à direita para a av. Ver. J. Diniz. Logo após a placa, há uma entrada. A sinalização no asfalto acompanha essa indicação, mostrando o acesso. Se o motorista entrar nessa rua, pode voltar para a marginal Pinheiros
→ A entrada correta é antes do próximo viaduto

Campo Belo (zona sul)
Av. dos Bandeirantes, sentido aeroporto
→ Na entrada certa para a José Diniz, uma das placas está escondida pelas árvores; a que diz o nome da avenida está de cabeça para baixo
→ O motorista deve ficar atento: o acesso à avenida fica logo antes da placa



Pinheiros (zona oeste)
Av. Eusébio Matoso, sentido centro
→ A placa que indica que o motorista deve pegar o túnel para o centro está escondida pelas árvores. Se perder a entrada, é preciso ir até a av. Brig. Faria Lima, fazer o retorno e pegar a Rebouças
→ Mantenha-se na pista da esquerda e pegue o túnel



Fotos: Renaldo Rezende/Folha Imagem



República (centro)
Av. Ipiranga, sentido bairro até praça João Mendes
→ O motorista que vem do viaduto do Chá e acessa a Ipiranga pela av. São João não consegue chegar à praça João Mendes. A placa que indicaria a entrada para a praça, na Ipiranga, não existe. O motorista termina na rua da Consolação
→ Entre à esquerda na av. São Luís (logo depois da praça da República) e siga em frente

Consolação (centro)
Praça Charles Miller
→ Na saída da avenida Prof. Arnolfo Azevedo, uma placa indica ‘Barra Funda/Angélica’ para a esquerda. Quando o motorista segue para o caminho indicado, chega na praça em frente ao estádio do Pacaembu. Nela, há outra bifurcação sem nenhuma indicação para que lado seguir
→ Fique na pista da direita e siga em frente pela rua Itaitiara para chegar à av. Angélica



Campo Belo (zona sul)
Av. Jorn. Roberto Marinho, sentido marginal Pinheiros x av. Washington Luís, sentido Interlagos
→ O acesso às avenidas Washington Luís/Interlagos (pelo viaduto Dep. Luís E. Maron de Magalhães) não está sinalizado
→ Entre à direita na placa Jabaquara (caminhões), mas pegue à esquerda para cruzar a Roberto Marinho e siga em frente para chegar à Washington Luís

Jaguara (zona norte)
Cebolão, sentido Castello Branco
→ Quem vem da rodovia Anhangüera e precisa acessar a marginal Pinheiros não é avisado de que, se continuar na faixa da direita, não entra na marginal e acaba na parte pedregada da rodovia Castello Branco
→ Quando sair da Anhangüera, fique na faixa da esquerda para pegar a ponte e chegar à marginal

ARAÇUAÍ EM NÚMEROS



População	37.108	Analfabetismo*	30,3%
Área	2.236 km²	Média de anos de estudo*	3,9
Taxa de urbanização*	57,3%	IDH (Índice de Desenvolvimento Humano)**	0,687
Desemprego*	15,9%		

* Dados de 2000 ** IDH vai de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1, melhor

êxodo

Com fotos, cidade tenta impedir que filhos esqueçam pais

Homens deixam família durante oito meses para trabalhar em outros Estados e, quando voltam, não são reconhecidos pelos filhos; projeto fotografa famílias e grava vozes para preservar memória e manter vínculo

laços de família

VERIDIANA SEDEH
DA EQUIPE DE TREINAMENTO

O marido de Maísa Fernandes, 22, não acompanhou a gestação da filha do casal, Júlia, hoje com sete meses. Provavelmente não verá seus primeiros passos. Ele foi para o corte de cana quando Maísa estava no primeiro mês e só voltou uma semana antes do parto. Meses depois, refaz o caminho.

Assim como ele, 2.000 homens deixaram Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha (MG), este ano rumo a usinas de cana-de-açúcar em São Paulo, segundo dados do Sistema Nacional de Emprego (Sine).

Mesmo sem incluir trabalhos clandestinos ou em outros Estados, essa cifra já corresponde a cerca de 20% dos homens com mais de 18 anos —idade mínima para as usinas—, segundo dados do Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) de 2000. O próprio Sine admite que o número real deve ser maior.

Quando voltam, depois de oito meses, esses pais já foram esquecidos por seus filhos. Para tentar manter o vínculo das famílias, a americana Emma Raynes, 25, envia, há um mês, fotografias de crianças de Araçuaí para plantações de cana-de-açúcar nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso e Minas.

Com isso, ela quer que os pais possam acompanhar o desenvolvimento dos filhos. O trabalho também é feito com quem fica. Desde fevereiro, Emma fotografa famílias e grava mensagens dos pais em CD para que as crianças não se esqueçam da figura paterna.

“Vou mostrar sempre a foto

do pai para que ela não se esqueça dele”, promete Maísa, mãe de Júlia.

Para desenvolver esse trabalho, a americana conta com o apoio de uma fundação holandesa, que também financia um projeto da ONG Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD), que atua na cidade desde 1998. Trata-se do Cidade Criança (leia texto abaixo), desenvolvido com gestantes e crianças de zero a 6 anos —mulheres e filhos de cortadores de cana.

Há quatro anos, o marido de Rosalina de Jesus, 30, já não troca sua casa pelo corte de ca-

na. Ele agora dirige o único ônibus que liga a comunidade rural Engenheiro Schnoor, onde moram, à zona urbana de Araçuaí. Mas Rosalina não esquece a solidão que sentiu durante a gravidez do primeiro filho.

“Quando ele voltou, o bebê já estava andando”, recorda com os olhos cheios de lágrimas. Na safra do ano seguinte, o marido foi embora deixando-a grávida de seu segundo filho.

Sair de casa rumo aos canaviais não é destino só dos chefes de famílias, mas também dos jovens de Araçuaí a partir dos 18 anos. Por acreditarem que o trabalho nas usinas seja uma

das únicas possibilidades de adquirir bens materiais, eles ficam ansiosos para chegar à maioridade.

“Meu filho de 15 fala que está doído para completar 18 anos para ir para o corte”, relata Valdenice Maria Alves, 35.

Ângela Maria Moreira, 46, conta que um de seus cinco filhos justifica o objetivo de ser cortador da seguinte forma: “Mãe, você não tem condições de dar o que eu quero. Quero roupa, calçado, até comida, às vezes, você não pode me dar”.

O produto mais cobiçado hoje em Araçuaí é a moto. “De uns cinco anos para cá, virou uma febre. Primeiro foi o relógio, depois, o som. Agora é a tal da motocicleta”, relata Celso Silva, 47, que já foi cortador de cana e trabalhou na Secretaria Municipal de Agricultura e hoje dirige um dos projetos do CPCD em Araçuaí, o Caminho das Águas.

As motocicletas chegam na cidade desmontadas, em um caminhão, alguns dias antes dos trabalhadores retornarem. Por pensarem nas oportunidades que terão no futuro, alguns meninos perdem o interesse pelos estudos.

“Quando digo para meu filho de 11 anos estudar, ele responde ‘estudar para que? Sei que vou para o corte. O pai sempre foi’”, relata Rosalina.

O trabalho nas usinas nem sempre corresponde às expectativas de quem deixa a família. Ângela diz que dois de seus filhos ligam reclamando que a situação está ruim e que eles estão ganhando muito pouco, menos de R\$ 8 por dia. “A gente fica triste, eles saem numa esperança de conseguir comprar alguma coisa”, lamenta.

Foto de Família tenta preservar vínculo afetivo

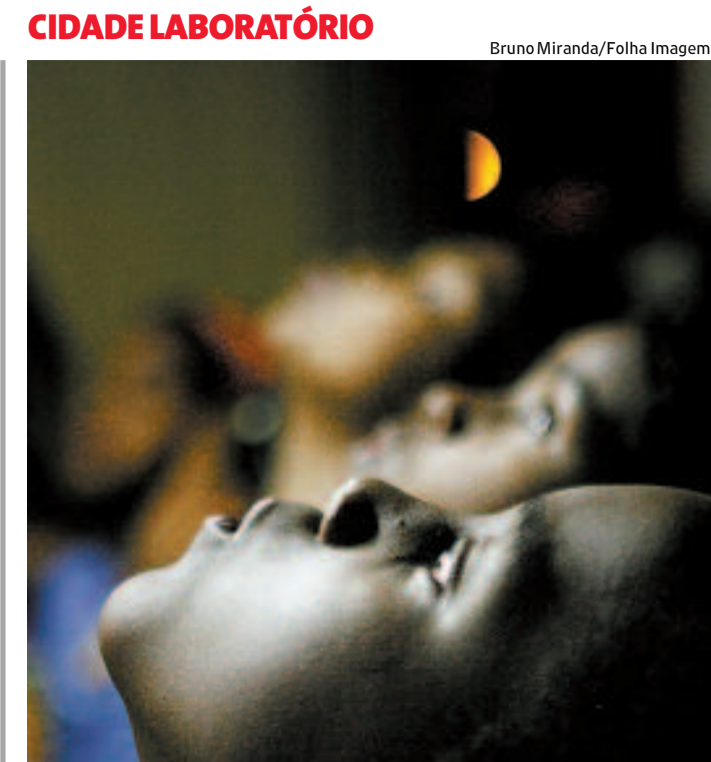


Cortador e filhos retratados por americana



Fotos Emma Raynes/Arquivo Pessoal

Bruno Miranda/Folha Imagem



Coral Meninos de Araçuaí ensaia músicas do novo CD

Ser Criança

O coral Meninos de Araçuaí nasceu desse projeto, que tem como lema a educação pelo brinquedo e é desenvolvido com crianças entre 7 e 14 anos, em paralelo à escola. Em 1998, os participantes queriam dar um presente à Natura, financiadora do Ser Criança na época. Como gostavam de cantar, pensaram em fazer uma apresentação musical. Uma ONG chamou para prepará-los o grupo Ponto de Partida, de Barbacena, que acompanha o coral até hoje. Em julho, eles lançam seu segundo CD, que tem participação especial de Milton Nascimento.

Bruno Miranda/Folha Imagem



Meninos do Cidade Criança perdem timidez brincando

Cidade Criança

Pessoas da própria comunidade participam da educação de crianças de zero a seis anos e dão apoio emocional e dicas de saúde a gestantes. Em visitas semanais, as grávidas e os bebês recebem massagens. Aos sábados, elas fazem caminhadas e trocam receitas. Há dias de beleza, com manicure e cabeleireiro.

Bruno Miranda/Folha Imagem



Clésio Celestino, 19, molda ferro para fazer escultura

Fabriquetas

Jovens a partir de 16 anos aprendem a fazer esculturas, bonecos, móveis e utensílios de ferro, bambu, tecido, madeira e tinta de terra. Depois de dominarem as técnicas, eles entram para a cooperativa Dedo de Gente, que gerencia as vendas. Cada cooperado trabalha meio período e ganha R\$ 175 por mês.

Bruno Miranda/Folha Imagem



Mudas são cultivadas com técnicas de permacultura

Caminho das Águas

O projeto recuperou, com agricultura sustentável (permacultura), um sítio de 5 ha. A técnica não usa agrotóxicos nem queimadas. A água da chuva é armazenada, estercos serve como adubo e são plantadas espécies que mantêm a umidade do solo. Em julho, o sítio passa a funcionar como escola para os agricultores.

Coral devolve cinema a Vale após quase 30 anos

DA EQUIPE DE TREINAMENTO

A partir de agosto, Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha, voltará a ter um cinema —o último foi fechado na década de 70.

Devolver uma sala à cidade foi idéia dos jovens do coral Meninos de Araçuaí. Eles aplicaram R\$ 40 mil arrecadados com espetáculos e venda de CDs na construção da mesma.

A parte que faltava dos recursos para o cinema, R\$ 275 mil, foi obtida pela ONG Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD) com os governos federal e estadual.

No Vale —com 53 municípios—, só os moradores de Carbonita podem assistir a filmes na tela grande, de acordo com dados do IBGE.

Mas a cidade tem apenas projeção de DVD em um telão, o que faz do cinema do coral o único registrado na região.

A sala, de cem lugares, está sendo construída no centro antigo de Araçuaí. Ela será gerenciada por uma cooperativa de jovens que participam dos projetos do CPCD e deve levar o mesmo nome do coral. Preço da entrada e filme de estreia são questões ainda em aberto.

Até os dez anos, Cátia Gomes, 17, nunca tinha ido ao cinema. Numa viagem com o coral a São Paulo, ela assistiu à animação “Vida de Insetos”.

“É muito legal, parece que a gente está chegando no mundo, que está dentro do filme.” A jovem espera a inauguração em Araçuaí para ir a uma sala de exibição pela segunda vez.

A ida à capital paulista também foi a primeira oportunidade de Cátia sair de sua cidade natal. Com o coral, foi até Paris, onde o grupo se apresentou com Milton Nascimento no ano do Brasil na França. (vs)

Lenda diz que cidade foi fundada por prostitutas

DA EQUIPE DE TREINAMENTO

Quando “dona Maria Cheirosa” — a mais antiga prostituta da cidade— olha para o cinema em construção, ela se lembra de tudo que viveu naquele cenário, hoje em ruínas e reduto de tráfico de drogas.

Os 67 anos de Cheirosa trazem grande parte da história de Araçuaí, que tem sua fundação ligada à prostituição. A versão mais popular é a de que meretrizes expulsas por um padre de uma aldeia, onde aportavam canoieiros, subiram o rio que dá nome à cidade e

conseguiram abrigo na fazenda da matriarca Luciana Teixeira. Atraídos pelas mulheres, os canoieiros mudaram de porto, onde se formou um arraial, que em 1871, deu origem a Araçuaí.

Por muito tempo, dona Maria fez o papel da fundadora da cidade em festas comemorativas. “Todo ano eu interpretava Luciana Teixeira. O padre que convidava. A gente saía da praça da igreja de caminhão e as meninas que moravam comigo faziam o papel das inquilinas de Luciana. Tinha os canoieiros...”

Outra lembrança de dona Maria é o período em que morou

na igreja com outras prostitutas da cidade.

“Passei quatro meses na igreja. Tudo quanto é mulher foi para lá. O padre tratava todo mundo bem. Ninguém fazia nada errado por lá.”

O que levou as mulheres à igreja foi uma enchente, em 1979, que deixou o então centro da cidade submerso por 15 dias. Os comerciantes se estabeleceram num ponto mais alto, fundando o centro atual.

“Passei nesta rua de canoa. Ficou tudo embaixo d’água”, aponta dona Maria para a rua da construção do cinema. (vs)



Coral Meninos de Araçuaí ensaia em cinema construído com dinheiro arrecadado por ele

Bruno Miranda/Folha Imagem



“Cheirosa”, a mais antiga prostituta da cidade, observa ruínas ao redor da construção do cinema



Danilo Verpa/Folha Imagem

Aluna da 2ª série fundamental brinca com o computador em escola municipal de São Paulo

avanço digital

Governo apressa a expansão de laptops em escolas públicas

Mesmo sem concluir teste iniciado neste ano em cinco cidades, governo quer ampliar para todos os Estados o uso de computadores móveis por alunos da rede pública e atingir até 250 mil estudantes em 2008; efeito nas notas é desconhecido, mas professores vêem mais motivação

JOHANNA NUBLAT
MARIANA BENEVIDES
DA EQUIPE DE TREINAMENTO

O governo federal está se preparando para colocar computadores móveis (laptops) em escolas públicas de todos os Estados do país já no ano que vem. Embora ainda não tenha resultados das cinco experiências iniciadas este ano, o UCA (Um Computador por Aluno) quer atingir de 150 mil a 250 mil alunos no começo de 2008.

Segundo José Luiz Maio de Aquino, assessor da Presidência e um dos responsáveis pelo projeto, a previsão é que o número exato seja definido nas próximas duas semanas.

Se a ampliação atingir o patamar mais alto, de 250 mil estudantes, o governo estará entregando laptops a aproximadamente 0,5% dos 48,6 milhões de alunos matriculados na rede pública de ensino, segundo dados do Inep de 2006.

O edital para a compra das máquinas deve ser lançado até o final de agosto pela Presidência da República e pelo MEC (Ministério da Educação).

Novo comportamento
Como a experiência do projeto UCA, até agora, abrangeu apenas cerca de 160 alunos e é muito recente, não há resultados objetivos que comprovem que o uso de laptops melhora a

aprendizagem. O que o uso dos computadores já conseguiu demonstrar é que os alunos mudaram de comportamento na classe, segundo os envolvidos com a experiência.

“No pouco tempo que os laptops estão na escola, já notamos que o brilho nos olhos dos alunos mudou. Eles não querem faltar e não chegam mais atrasados”, disse a coordenadora do projeto em São Paulo, Roseli de Deus Lopes.

Para ela, mais do que notas, o que deve ser avaliado é se o aluno tem mais autonomia na busca de informações e se está desenvolvendo raciocínio, criatividade e senso crítico: “O mais importante hoje não é conteúdo, é saber procurar e analisar a

“Eles não querem faltar e não chegam mais atrasados”

ROSELI DE DEUS LOPES
coordenadora do UCA em São Paulo

Temos sentimento forte de que o UCA vale a pena, embora não tenha resultados ainda

CARLOS BIELSCHOWSKY
secretário de Educação a Distância do MEC

informação.”

Dentre as cinco escolas pioneiras, São Paulo e Porto Alegre (RS) são as mais adiantadas. Nessas escolas, os alunos trabalham com os computadores móveis desde março.

Em Palmas (TO), Brasília (DF) e Pirai (RJ), os computadores já chegaram, mas ainda estão dentro de caixas e armários. A estrutura das escolas está sendo preparada e os professores, recebendo capacitação.

O impacto do uso dos laptops fora da escola também ainda não pôde ser avaliado. O projeto prevê que os alunos levem os computadores para casa, mas, até agora, o equipamento não sai da escola em nenhuma das cinco cidades (leia texto na página ao lado).

Ampliação
Apesar dos planos de ampliação, Carlos Bielschowsky, secretário de Educação a Distância do MEC, diz que a medida será “cautelosa e restrita”, por não ter ocorrido a inclusão digital desejada e os alunos ainda não terem sido avaliados pela Prova Brasil.

Mas o secretário diz ter um “sentimento forte de que o UCA vale a pena”, pelo que pôde observar em São Paulo e Porto Alegre. Segundo ele, os alunos realmente se mostram mais interessados e ativos nas aulas com laptop.

UM DIA NA ESCOLA

Sinal toca, ninguém sai

DA EQUIPE DE TREINAMENTO

O sinal toca numa escola de periferia de São Paulo e os alunos reclamam. Mas o aviso indicava o final das aulas, não o começo. Ninguém queria sair da classe e deixar os laptops — a escola é uma das cinco em que o projeto UCA está implantado.

Cauê, da 2ª série do ensino fundamental, mandava o primeiro e-mail de sua vida quando o sinal tocou. Os colegas que ainda não haviam conseguido enviar mensagens não queriam arrear pé do lugar.

Na outra das duas escolas em que o projeto já foi implantado, em Porto Alegre, os alunos não têm esse problema. Cada um tem o seu computador e pode usá-lo inclusive no recreio. Só não podem ainda levar para casa.

A **Folha** acompanhou atividades nas duas cidades. Na escola gaúcha, os alunos já têm facilidade para pesquisar na internet, produzir textos, filmar, fotografar, jogar e conversar pelo MSN.

Mesmo com os jogos liberados, os professores garantem que eles estão mais disciplinados e prestam mais atenção às atividades.

A facilidade das crianças contrasta com o desconforto de professores, que dizem “engatinhar”. Fátima Fernandes, da turma que receberá os laptops em Brasília, brinca que está perdendo o sono com a chegada dos computadores: “Eu sou a rainha do papel: carreguei e cortei papel nesses meus 21 anos em sala de aula”.

Para a coordenadora do UCA em Porto Alegre, Léa Fagundes, é positivo que o professor se sinta desconfortável e, diante das possibilidades abertas pelo computador, não possa repetir sempre a mesma aula.

Na opinião do secretário de Educação a Distância do MEC, Carlos Bielschowsky, a experiência gaúcha mostra que o desafio do projeto é possível: “Transformar os alunos em mais autônomos, mais autores, mais atores, que desenham sua própria trajetória”. (JN e MB)



Danilo Verpa / Folha Imagem

Alunos paulistanos aprendem a enviar e-mails

AS PRIMEIRAS CINCO ESCOLAS
Veja onde estão os alunos que receberam os laptops

	Brasília (DF)	Porto Alegre (RS)	São Paulo (SP)	Pirai (RJ)	Palmas (TO)
COMPUTADOR	Mobilis (Encore)	XO (OLPC)	XO (OLPC)	Classmate (Intel)	Classmate (Intel)
QUANTIDADE	40	175	120	400	400
TURMAS PARTICIPANTES	4ª e 7ª séries do fundamental e EJA (jovens e adultos)	4ª e 6ª séries do fundamental; outras séries no 2º semestre	2ª e 5ª séries do fundamental	3ª a 8ª séries do fundamental	Fundamental e médio
ESTÁGIO DO PROJETO	Ajustes da rede antes de começar a usar	Já usam os computadores desde março	Usaram poucas vezes os computadores	Ajustes da rede antes de começar a usar	Professores em treinamento

Leonardo Wen / Folha Imagem



Alunos dominam tecnologia mais rápido que professores



Meninos param de jogar futebol para conhecer laptop

ensino em rede

Galeria de fotos, áudio e links relacionados >> www.folha.com.br/071773

Curso de pedagogia a distância opõe governos

MEC expande no país formação de professores em cursos que não têm aulas diárias; em São Paulo, prefeitura decide não aceitar diplomas desse sistema

VERENA FORNETTI
DA EQUIPE DE TREINAMENTO

Enquanto o MEC (Ministério da Educação) investe na formação a distância, formando no curso de pedagogia afirmam sentir preconceito ao procurar emprego.

A Prefeitura de São Paulo decidiu que não aceitará formandos a distância no edital aberto na segunda-feira, 25 de junho, para contratar professores e coordenadores pedagógicos.

Artur Costa Neto, do Conselho Municipal de Educação, diz que a prefeitura não questiona a legalidade do diploma, mas

quer decidir quem contrata.

“Alguém aceita a formação do médico a distância? Por que para o professor tudo pode ser de qualquer jeito? O curso já é o que dura menos. Ser professor é mais banal?”

Embora não pretenda seguir a medida tomada por São Paulo, o Conselho de Educação do Rio Grande do Sul, que estabelece diretrizes para o Estado, também é contra a formação de professor a distância.

A posição da Prefeitura de São Paulo é reprovada pelo MEC. O ministério afirma que a regulamentação dos cursos superiores é responsabilidade

federal e, se o curso é reconhecido, o diploma tem validade.

Apesar das resistências, o número de formandos na metodologia deve aumentar.

Neste ano, 123 instituições participaram do edital para o programa Universidade Aberta do Brasil, que autorizará a abertura de pólos presenciais — unidades aonde o aluno vai esclarecer dúvidas ou fazer prova. Cerca de 80 serão autorizados a funcionar em 2008.

Em três anos, ao menos 136 mil alunos se matricularam em pedagogia ou normal superior — cujos alunos podem ter equivalência à pedagogia.

A Anope (Associação Nacional pela Formação de Profissionais da Educação) mandou carta ao MEC contra a primeira graduação do professor a distância. A Anope aceita que licenciaturas específicas, depois da conclusão da primeira faculdade, sejam semipresenciais.

O MEC não determina a frequência com que os alunos devem ir aos pólos. Há desde instituições com uma aula por semana até centros que fazem a avaliação presencial duas vezes por semestre. Isso significa que, nos cursos em que a frequência é menor, o aluno pode se formar indo 14 vezes à aula.

NÚMEROS DO CURSO

A graduação a distância em pedagogia no país

50 instituições autorizadas a oferecer pedagogia ou normal superior semipresencial, segundo o Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas), ligado ao MEC

136 MIL estudantes, no mínimo, se matricularam no curso nos últimos três anos*

305 MIL professores atuam na educação básica sem ter formação superior, de acordo com o MEC

3 ANOS é a média de duração dos cursos

* 37 instituições divulgaram os dados e seis não informaram os números. A reportagem não conseguiu falar com três faculdades. Outras quatro foram autorizadas pelo MEC, mas não oferecem o curso

Alguém aceita a formação do médico a distância? Por que para o professor tudo pode ser de qualquer jeito?

ARTUR COSTA NETO
do Conselho Municipal de Educação de São Paulo

Para formar professores precisa ter presença, não pode ser totalmente a distância

IRIA BRZEZINSKI
pesquisadora da Universidade Católica de Goiás

Educação a distância permite o ingresso no ensino pela flexibilidade de horários

JOÃO VIANNEY DOS SANTOS
diretor da Universidade do Sul de Santa Catarina

CONTRA
Avaliar não é formar, diz educadora

DA EQUIPE DE TREINAMENTO

Iria Brzezinski, pesquisadora da Universidade Católica de Goiás, é avaliadora de cursos do Sinaes (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior) do MEC.

Ela diz que a maneira como o curso semipresencial é feito hoje não é adequada.

FOLHA - O que a senhora acha do curso de pedagogia a distância?
IRIA BRZEZINSKI - Eu já fui presidente da Anope (Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação). Há muito, nós somos contra a educação a distância feita em massa como tem acontecido nos últimos dois anos. Para formar professores precisa de presença, não pode ser totalmente a distância.

A educação a distância não pode ser negada, é necessária. No entanto, negamos a formação como está sendo feita.

FOLHA - Fazer a graduação toda a distância é adequado?

IRIA - Não é adequado. Não basta fazer os exames presenciais. Exame não significa formação. Exame é chegar e fazer uma prova. A formação é contínua e o aluno tem que se formar em quatro anos.

FOLHA - A maioria se forma em três anos.

IRIA - É um aligeiramento que não aceitamos. Nossa luta é que toda formação de professores seja feita na universidade com no mínimo quatro anos de duração.

FOLHA - Segundo as instituições, cursos a distância têm a mesma carga horária que o presencial.

IRIA - Não tem professor na sala. Não tem a mesma carga horária. Sabe por quê?

O professor que não é formado em ensino superior, mas já trabalhou, se entra nesse curso pode ter carga horária computada como formação e diminuir os quatro anos. Prática sem formação não é formação.



Raimundo Pacó / Folha Imagem

Estudantes de curso semipresencial fazem avaliação

ALUNOS ESTUDAM EM CASA E FAZEM PROVA NA FACULDADE

Nos encontros presenciais, os alunos estudam uma apostila com um tutor, que geralmente não tem mestrado ou doutorado. Em algumas instituições, a aula é ao vivo. Dúvidas são enviadas pela internet e respondidas pelos tutores.

A FAVOR
Estudioso aprova curso para adultos

DA EQUIPE DE TREINAMENTO

João Vianney, da educação a distância da Universidade do Sul de Santa Catarina, já fez parte de comissões do MEC que avaliam cursos de pedagogia a distância.

Ele aprova a metodologia semipresencial para os que já dão aulas, mas acredita que o curso não é adequado para adolescentes que acabaram de concluir o ensino médio.

FOLHA - A graduação a distância pode formar bons professores?

JOÃO VIANNEY - Pode, com restrições. No mundo inteiro, a educação a distância tem sido entendida como educação de adultos, quase sempre no mercado de trabalho. Para aquele grupo que não tem formação adequada e já trabalha,

(I) MOBILIDADE

Laptop não sai da escola

DA EQUIPE DE TREINAMENTO

Apesar da proposta de que os alunos levassem os computadores para casa, nenhuma das escolas do UCA sabe dizer quando isso vai acontecer. Em Brasília, Palmas e São Paulo, os pais serão chamados para discutir a idéia. Vários têm medo de que os filhos sejam assaltados.

Em Pirai, os computadores não sairão da escola, pelo menos, até o final deste ano. Os alunos serão incentivados a ficar na escola após as aulas, acompanhados de suas famílias.

Em Porto Alegre, os alunos poderão levar os computadores para casa quando todos os 400 tiverem um laptop — hoje há 175.

É para ser móvel

Para o representante da One Laptop per Child na América Latina, David Cavallo, é fundamental que os computadores estejam sempre com os estudantes: “Os turnos nas escolas brasileiras são curtos. Queremos aumentar a oportunidade de aprendizagem das crianças”. O computador faria também a inclusão digital da comunidade, segundo o professor Simão Pedro Marinho, da PUC-MG.

“A maior ponte de sedução do UCA é fazer o menino já incluído ser agente da inclusão na sua família e na sua vizinhança, mesmo que ele ainda esteja na periferia do mundo digital.” (JN e MB)

NOVA MÚSICA DE GIL FALA SOBRE ‘MENINO INTERNETINHO’

Ouçã no site do caderno “Banda Larga”, em que o ministro da Cultura cita a facilidade dos garotos com a rede

a formação a distância é extremamente enriquecedora.

Agora, para uma menina de 16 anos egressa do ensino médio, eu entendo que esse programa deveria ter um desenho quase que semipresencial, para que ela pudesse ter não apenas o conhecimento mas também ambiência da vida educacional.

Eu não recomendaria um curso de pedagogia para uma criança recém-egressa do ensino médio.

FOLHA - O que difere um professor formado a distância de um formado por curso presencial?

VIANNEY - Não há nenhuma distinção. A formação a distância tem que obedecer às mesmas diretrizes curriculares. A formação é equivalente. Se vai ser boa ou não depende da instituição que oferece.

FOLHA - Quais os benefícios e os prejuízos do curso a distância?

VIANNEY - Educação a distância permite o ingresso no ensino pela flexibilidade de horários de estudo. É um aluno adulto, que entende a educação a distância como uma oportunidade que ele não pode perder.

noite em são paulo

Paulistano gasta até 2 horas de lazer na fila



Reportagem percorreu a noite paulistana e calculou: na dança das cadeiras dos restaurantes, a espera chega a duas horas; em bares e baladas, é de até uma hora e meia; nos cinemas, a fila pode chegar a 40 minutos

tempo perdido

FILA PASSO A PASSO

Dicas de sobrevivência



ROTA DE FUGA

>> **Comemore:** Aniversariantes têm prioridade nas filas das baladas. Tente ter sempre um no grupo

>> **Antecipe-se:** Faça reserva ou compre ingressos pela internet. Cadeiras numeradas evitam a corrida pelos melhores lugares

>> **Chegue cedo:** Muitas casas noturnas permitem que os clientes saiam e voltem. Garanta seu ingresso

>> **Tenha um plano B:** Atravesse a rua e espere a fila diminuir. Quase sempre há um barzinho mais tranqüilo logo ali

>> **Fuja de estréias:** As filas costumam ser maiores nos primeiros dias de exibição



ETIQUETA DA FILA

>> **Relaxe:** Lembre-se de que você está ali por opção. Guarde os resmungos e queixas para filas inevitáveis

>> **Divirta-se:** Vale aproveitar a fila para paquerar, mas não exagere. Nem sempre a pessoa ao lado quer contato

>> **Não abuse:** A espera cria "novos velhos amigos", mas evite pedir emprestado celular, moedas e um gole da cerveja de quem você acabou de conhecer

>> **Não fure fila:** Caso não resista e seja flagrado, desista e volte para seu lugar. Nada de brigas: o erro foi seu

CLARA FAGUNDES DA EQUIPE DE TREINAMENTO

Esperar é parte da rotina de lazer na noite paulistana. A reportagem visitou 43 estabelecimentos em oito noites e calculou: são de três minutinhos a 40 no cinema, até duas horas em restaurantes e uma hora e meia em bares e baladas.

A maioria dos clientes reclama. "Eu me sinto passando por um funil... Estamos confinados", diz Ana Paula Conti, 20, que desistiu da fila do El Kabong, em Pinheiros.

Mas na rua Avanhandava, que concentra algumas das maiores filas visitadas, "os clientes já estão acostumados com a espera", segundo Yara Alvarez, recepcionista do Família Mancini. Na quinta (14), às 22h40, uma dúzia de pessoas aguardava na rua — a espera média era de meia hora.

O restaurante não aceita reservas, e a fila chega a duas horas. O Walter Mancini, logo em frente, aceita. Mas os clientes costumam ir sem reserva para a Avanhandava e esperam nos dois restaurantes, na pizzaria e no bar — dos mesmos Mancini. Na Vila Madalena, bairro campeão em fila de bares, o público costuma ter menos paciência. Os seis bares visitados contam que, às vezes, perdem clientes para vizinhos com fila menor. O freguês vai para o bar em frente, em busca de cerveja gelada e, quem sabe, uma mesa. "Aqui não tem fila, não tem mesa e, às vezes, acaba até o copo", brinca o garçom do Bassa, Sérgio Soares, numa quinta-feira de bar lotado. Sem espaço, os clientes se espalhavam pela calçada. Os copos não tinham acabado.

Mudança de roteiro

O movimento dos bares aumenta com o calor. Quando faz frio, as filas migram para cafés e para os bufês, como o da Galeria dos Paes e da Bella Paulista. Mas a mudança não depende apenas do tempo. "Pois os bares nascem, vivem, parecem eternos a um determinado momento, e morrem", como escre-

veu o cronista Paulo Mendes de Campos ["Os bares Morrem numa Quarta-feira"].

Na Vila Olímpia, reduto das baladas paulistanas, o movimento caiu em sete das oito casas visitadas no sábado (16). Rejane Alves, dona da Vouge, conta que decidiu abrir só às sextas e sábados, "por causa do esvaziamento da Vila Olímpia". Há seis meses, a casa funcionava de terça a domingo.

Só a Via Funchal não sente a queda. "Nosso público é o público do show do dia, não de-

pende do movimento no bairro", diz o gerente operacional Marcos Livi.

Sem fila

Mas, mesmo sem lotação, muitos clubes têm fila na entrada. Gerentes e donos juram que não é marketing. "É o tempo de abrir a comanda", justificam.

Leo Sanchez, empresário da noite há 30 anos, diz que o sistema americano — no qual o cliente compra o ingresso ao entrar e paga o consumo diretamente no bar — diminuiria as

filas de entrada e acabaria com as de saída. Para ele, a moda do "esquenta" (encontro para beber antes da balada) aumentou as filas: "Aqui na Pacha, 70% dos clientes chegam entre 1h20 e 2h40. Aí tem fila", diz.

Os cinemas reconhecem que a venda de cadeiras numeradas acabaria com a corrida pelos melhores lugares. "Mas o público não está acostumado a comprar com antecedência", diz Solange Nascimento, coordenadora administrativa do Cinesesc-SP.



Werther Santana/Folha Imagem

Para os amigos Tainara, Léo, Aline, Rafa, Toni, Mirna e Bruno, a espera é o melhor da festa

LADO B

"Adoro fila de show"

DA EQUIPE DE TREINAMENTO

Enquanto muitos reclamam das filas, eles não perdem uma. Chegam cedo para curtir o que consideram o melhor da festa. Parte do grupo se conheceu na fila do show do Simple Plan. Os primeiros chegaram na segunda no Anhembí: a banda tocava no sábado. "Na quarta, já tinha umas 50 pessoas lá. Era festa toda noite", conta Léo, 18.

Três meses e alguns shows depois, se encontraram na fila do Evanescence. Mirna, 15, diz que foi apenas "curtir a fila", mas amigos fizeram "uma vaquinha" para o ingresso.

Nem sempre é fácil conciliar atividades. Léo e Aline, 16, quase perderam o emprego: "Tive um show da MTV. A gente teve que faltar... Trabalhando à tarde, não dava, né?". Não tiveram dúvidas: faltaram ao trabalho, mesmo sabendo que o chefe ia desconfiar do mal-estar súbito.

Mirna não sabe ainda que profissão escolher. Mas diz que, por ora, guardar lugar em fila de show é o trabalho dos seus sonhos.

O show estava lotado, quente, Mirna desmaiou... A gente não tinha dormido, nem tinha como beber água. Bom mesmo foi a fila!

TAINARA, 14 adolescente que não gosta do Simple Plan, mas adorou a fila do show

O bom da fila é que se alguém está com fome, com sede, todos ajudam.

MIRNA, 15 veterana das filas do Simple Plan, RDB e Evanescence

ESPERA MÁXIMA

As dez filas mais demoradas

X min	Tempo das maiores filas
■	Dias mais tranqüilos
■	Dias mais movimentados

PARA COMER

1 Cantina Conchetta (rua Treze de Maio, 560)
2h ■ seg. a qua. ■ sex. a dom.

2 Família Mancini (rua Avanhandava, 81)
1h30 a 2h ■ seg. a qua. ■ sex. e sáb. e almoço de dom. (das 13h às 15h)

3 O Compadre (av. Otto Baumgart, 500, shopping Lar Center)
1h30 a 2h ■ seg. a qui. ■ feriados e finais de semana

4 Pizzaria Avanhandava 34 (rua Avanhandava, 34)
1h30 ■ seg. a qua. ■ qui. a sáb. (das 21 à 0h30)

5 Mestiço (rua Fernando de Albuquerque, 277)
1h ■ seg. a qui. ■ sex. e sáb. (das 21h às 23h30)

6 Walter Mancini (rua Avanhandava, 126)
40 min a 1h ■ seg. a qua. ■ sex. e sáb. e no almoço de dom. (das 14h às 15h)

7 Brasil à gosto (rua Prof. Azevedo do Amaral, 70)
40 min ■ qua. e qui. ■ ter. sex. e sáb. (das 20h às 22h) e finais de semana no almoço (das 13h30 às 16h)

8 Lellis Trattoria (rua Bela Cintra, 1849)
40 min ■ ter. e qua. ■ sex. a dom.

9 Bella Paulista - bufê (rua Haddock Lobo, 354)
30 min ■ seg. a qui. (antes das 19h) ■ das 19h às 22h e nos finais de semana pela manhã

10 Cantina Roperto (rua 13 de Maio, 634)
30 min ■ seg. a qua. ■ sáb. e almoço de dom (das 14h às 16h)

BARES E BALADAS

1 Dublin (rua Ministro Jesuino Cardoso, 178)
1h30 ■ seg. a qua. ■ qui. a sáb. (a partir das 23h)

2 Posto 6 (rua Aspicuelta, 644)
1h30 ■ seg. a qua. ■ sáb. (das 21h às 3h) dom. (das 17h à 21h)

3 El Kabong (rua Mateus Grou, 15)
1h ■ seg. a qua. ■ sex. a dom.

4 José Menino (rua Aspicuelta, 596)
1h ■ qua. ■ em dias quentes, principalmente nos finais de semana e terças

5 Ó do Borogodó (rua Horácio Lane, 21)
1h ■ seg. ■ sex. a dom.

6 Pacha (rua Mergenthaler, 829)
1h (para pagar, na saída) ■ depende da atração da noite ■ das 1h20 às 2h40

7 Vogue (av. Nova Faria Lima, 4531)
1h ■ só funciona às sex. e sáb. ■ a partir das 23h

8 Jeremias (rua Avanhandava, 37)
30 min a 1h ■ ter. ■ sex. e sáb. (das 21h à 1h)

9 Zeppelin (rua Aspicuelta, 524)
40 min ■ ter. a qui. ■ sex. e sáb.

10 Vegas (rua Augusta, 765)
40 min ■ ter. a qui. ■ sex. e sáb.

Veja os outros 33 estabelecimentos em: www.folha.com.br/071773